

## A Nossa Gente (181)

# “Costumo dizer que não se emigra, alarga-se fronteiras”, revela o escritor Onésimo Teotónio de Almeida, que lida com as letras desde criança

Natural do Pico da Pedro, Onésimo Teotónio de Almeida revela-nos, aos 72 anos de idade, uma vida feliz com uma família sempre numerosa. Com uma passagem pelo Seminário de Angra que tanto enriqueceu o seu ser, este escritor açoriano emigrou em 1972 para os Estados Unidos da América e é professor na Brown University. Quase expulso do Seminário por ter feito uma paródia a “Os Lusíadas”, este lusíada convicto revelou-nos como é ser pai e marido, numa vida intercambiada entre os Açores e a América!

### Como viveu a sua infância em conjunto com a sua família? Quantos irmãos tem?

Somos quatro: a Lídia (a mais velha). Venho eu a seguir e depois o José Urbano e a Suzette, oito anos mais nova que eu. Infância feliz entre as casas dos pais e avós (maternos nas Calhetas; paternos no Pico da Pedra) e ainda as dos tios e primos, em Rabo de Peixe, com saltos mais esporádicos a visitar outros primos mais longe, na Fajã de Cima e nos Arrifés, mas nem por isso eram menos festivos os dias.

As casas dos avós eram lugares de frequência regularíssima. Dois belos pares de avós de quem guardo gostosas recordações. Forte ligação com os tios de ambos os lados, mesmo um ausente no Brasil (Manuel) e outra nos Estados Unidos da América (EUA) (Carmina, ambos do lado materno) e particularmente uma tia no Canadá, Isabel (lado paterno). As cartas fortaleciam esses laços. Uma afinidade muito especial com um tio, o irmão mais novo do meu pai, que na altura era professor primário, quem mais cuidadosamente velou pela minha instrução: José Carreiro de Almeida, pessoa a quem devo muito.

### Que recordações mais guarda dos seus pais e da sua infância?

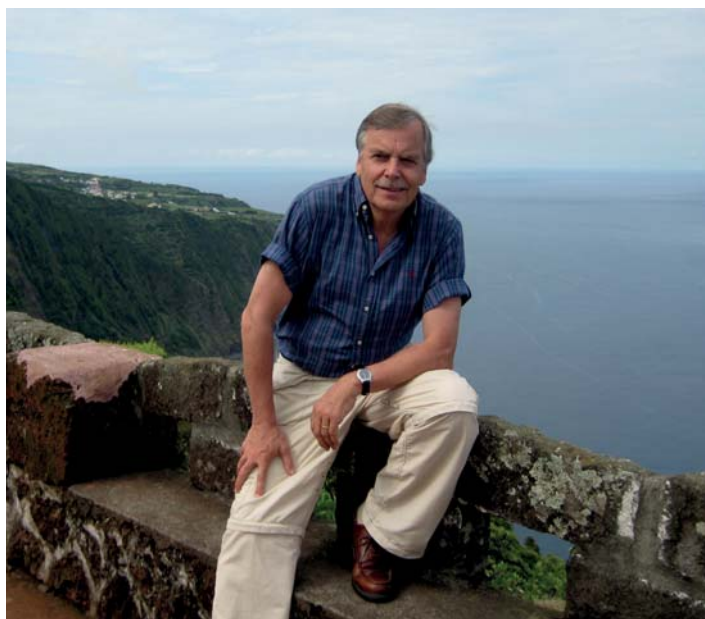
A minha mãe era uma abelha-mestra. Com a grande diferença que ela própria, ao contrário da abelha-mestra, trabalhava todo o dia. Não me lembro nunca de a ver sentada a descansar, excepto quando tinha visitas em casa. O meu pai estava quase sempre por fora e era a autoridade temida quando fazíamos alguma. O aviso da mãe era: “Olha que eu digo ao teu pai!” E aí desparecia o problema. Ouvia falar de pais que batiam nos filhos, mas nunca o meu pai nos tocou. A sua imponente figura física era mais do que suficiente. Nem foi preciso usar de autoridade. As ordens da minha mãe bastavam. Da minha mãe (a Leonor diz que ela foi a última vitoriana) guardo um grande sentido do dever e de dedicação aos filhos entre tantas recordações, uma espectacular toalha de mesa de jantar toda feita de renda, uma verdadeira obra de arte; fez uma para cada um dos filhos.

### Que percurso fez ao nível dos estudos ainda em São Miguel?

Depois da escola primária e de um interregno para o exame de admissão, seguiram-se dois anos no Seminário Menor, em Ponta Delgada.

### O Seminário de Angra também contou consigo. Conte-nos esta experiência.

Sim, fui para lá em 1960. Não se faz hoje ideia do peso que a Igreja tinha naquela altura e do respeito de que gozava o clero. O Seminário de Angra era uma instituição com muito prestígio nos Açores e os anos que lá passei confirmaram-no largamente: um grande centro de formação em Humanidades (Clássicas, Filosofia e História), com forte atenção prestada às Artes,



### Onésimo Almeida vem todos os anos a São Miguel, sem excepção

sobretudo a Música. Mas também ao Teatro e à Literatura, em especial à Poesia. O Seminário de Angra formou, nas décadas de 50 e 60, uma geração que se fez sentir na vida do arquipélago aos mais diversos níveis. Há poucos anos, de colaboração com dois colegas – Artur Goulart e Olegário Paz –, organizei e publiquei um álbum sobre o Seminário desse tempo, publicado pelo Instituto Açoriano de Cultura, por sinal fundado por três professores do mesmo Seminário.

### Quando emigrou, continuou a estudar. Fale-nos disso.

Antes de ir para os EUA ainda fui para Lisboa. Frequentei a Universidade Católica, onde fiz um bacharelato, que na altura ali se obtinha no 5º ano (a licenciatura era no 7º). Depois, em 1972, é que emigrei para os EUA. Tinha ido de visita em três verões sucessivos e nos últimos dois tinha procurado ocupar melhor o tempo matriculando-me num curso universitário na S. M. U, agora University of Massachusetts Dartmouth. Da terceira vez, optei por ficar. Mas só fiquei após ter assegurado admissão para fazer pós-graduação em Filosofia na Brown University.

### Por que razões emigrou? Como foi sair dos Açores e que admirável mundo novo encontrou nos EUA?

É uma história comprida! Os meus pais e irmãos estavam nos EUA e grande parte da minha família também. Só eu estava em Portugal, estudando em Lisboa e vindo aos EUA passar férias. Estava nos planos do Professor José Enes eu vir fazer um doutoramento em Filosofia nos EUA e regressar a Portugal para leccionar com ele na Universidade Católica. Circunstâncias da vida fizeram-me antecipar esse plano para dois anos mais cedo e, em 1972, fiquei cá a estudar. Depois, o que era para ser apenas uma temporada redundou em definitivo.

A nível profissional, como começou a sua carreira e o que já fez profissionalmente na sua vida?

É outra história longa. Quando fiquei nos EUA, comecei a estudar na Brown em tempo parcial porque ofereceram-me um lugar a dirigir uma equipa de produção de currículo escolar em Português para os programas bilingues no Distrito Escolar de Fall River, apoiados pelo Governo Federal para resolver os problemas da grande vaga de emigração que então chegava ao país. Ao fim de dois anos, decidi deixar esse emprego para me entregar por inteiro ao doutoramento. No entanto, ainda antes de terminá-lo tive de fazer outra opção: envolvi-me numa equipa que estava a criar um Centro de Estudos de Portugueses e Brasileiros na Brown e fui convidado a leccionar. Optei por essa via, terminando mais tarde o doutoramento. Foi

assim que acabei ligado aos Estudos Portugueses, se bem que depois do meu doutoramento tenha iniciado a leccionação de um “University Course”, uma cadeira de estudos interdisciplinares, mas sobretudo de Filosofia das Ciências Sociais e Ética, num Centro de Estudos Interdisciplinares também criado na altura, o Francis Wayland Collegium for Liberal Learning. Hoje, passados quase 40 anos, ainda lecciono esse curso. Hoje também faço parte do Center for Early Modern Studies, integrado no Cogut Center for the Humanities, da Brown.

### Que cargos destaca mais da sua vida profissional?

Fui director do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros durante um total de 14 anos, 12 deles consecutivos. Foi um período em que o departamento, que inicialmente era um centro, e portanto potencialmente temporário, passou a ter um estatuto definitivo. Nesse período, passámos também a ocupar um prédio maior com instalações mais alargadas. Entre as diversas iniciativas, conto a criação da Cátedra Vasco da Gama. Criei a editora Gávea-Brown, que já publicou quatro dezenas de livros, e a revista Gávea-Brown, sobre temática luso-americana. Foram também criadas outras duas revistas internacionais: o e-Journal of Portuguese History e a Pessoa Plural. Fui Vice-Presidente do Rhode Island Council for the Humanities e sou Trustee do New Bedford Whaling Museum. Fui durante 10 anos membro da direcção da PALCUS (Portuguese Leadership Council of the United States) e Vice-Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, mas tenho receio de continuar a lista porque vai ser muito fastidiosa para os leitores!

### O ensino foi sempre algo almejado ou surgiu pelo caminho? Como é contribuir para o desenvolvimento da Brown University?

O ensino foi sempre algo que me atraía. Desde muito cedo pensei em ser professor e jornalista. Não me enganei; disse mesmo “jornalista”, tal era na minha adolescência o meu entusiasmo pela comunicação social. Interessei-me muito pela sua problemática quando ainda estava em Angra. O meu primeiro livro a sério (embora hoje o veja como uma brincadeira adolescente), publicado em 1970, quando eu já lá não estava, foi sobre essa temática. Nos Açores, não tinha pensado na carreira de investigação porque os horizontes eram curtos e não abriam para aí; ficavam-se pelo ensino. Mas já em Lisboa tinha clara a ideia de que a universidade – o ensino e a investigação – eram as actividades que mais me atraíam.

### Como nasce o gosto pela escrita e pela edição de livros?

A escrita foi algo que sempre me agarrou desde criança. Escrevi um livrinho sobre S. Miguel, manuscrito, ilustrado e encadernado por mim. Exemplar